

ALTA SOROCABANA

(Uma Região em Busca de sua Vocação)

José Ferrari Leite (*)

Seja por que ainda não encontrou sua estabilidade e econômica, seja por sua subordinação ao grande centro de decisão paulistano, a Alta Sorocabana, um espaço geográfico situado no Sudoeste do Estado de São Paulo e cujos 30 municípios mal alcançam meio século de idade, tem passado por experiências variadas no que respeita às suas atividades rurais. Consequentemente altera-se não só o panorama agrário como a divisão fundiária com evidente repercussão na população rural e urbana.

Torna-se, pois, difícil entender-se a existência, em termos objetivos, das chamadas "compages", ou "verdadeiras regiões", dos países europeus, sobretudo da França, onde a ecologia humana atingiu estágio bastante harmonioso. São pequenos espaços geo-sociais em que, ao lado dos aspectos físico-climáticos, as atividades humanas permanecem homogêneas e coesas há alguns séculos, como o caso da região vinícola de Bordeaux.

Nesta circunstância, a integração homem-meio fez-se através da história. As guerras, as revoluções, as mudanças políticas apenas sedimentaram a consciência regional. Aí, a propriedade passa, em geral, de pais para filhos, ou a parentes sem que o processo se altere. Luta-se em conjunto para solucionar-se os problemas regionais, assim como se louvam os predicados e as vitórias.

Nas Américas raramente se encontram esses pequenos

(*) Professor Assistente-Doutor do Departamento de Geografia Humana e Regional do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais - UNESP, Campus de Presidente Prudente.

espaços. A idéia é que o território geográfico está ainda sendo aberto às atividades humanas. Ambiente e sociedade estão ainda sendo moldados, entrosados e organizados.

Assim, salvo em esparsas e pouco numerosas regiões isoladas, geralmente localizadas em áreas de difícil acesso, como nos Vales Andinos, o interior da Amazônia, a pouca tradição e/ou a instabilidade das atividades geoeconômicas tornaram-se obstáculos para a formação dos regionalismos, conforme existentes nas "verdadeiras regiões" dos países europeus. Sobretudo, deve-se considerar que atualmente as regiões se interligam em transportes e comunicações, absorvendo rapidamente novas tecnologias e, portanto, integrando-se cada vez mais ao espaço nacional.

Uma região sem tradição

Certos territórios, embora novos quanto a ocupação, têm passado por verdadeiros "ciclos" econômicos. O caso da Alta Sorocabana é exemplar. A maioria de seus municípios tem menos de cinquenta anos de idade e os mais antigos mal atingem os sessenta. O povoamento acelerou-se com a instalação dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, cujos trens, a partir de 1919, passaram a correr regularmente entre Presidente Prudente e São Paulo. Somente em 1922 os trilhos alcançaram as barrancas do Rio Paranã, onde construiu-se a Estação de Presidente Epitácio.

Entre 1920 e 1950 estruturou-se a malha municipal regional. Pouquíssimos distritos alcançaram a condição de municípios após esta última data. Dos trinta municípios que compõem a Alta Sorocabana, situados entre Paraguaçu Paulista, à leste, e Presidente Epitácio, à oeste, apenas um alcançou os 30 mil habitantes em 1980 (Presidente Venceslau). No entanto, Presidente Prudente firmou-se como capital regional ao atingir quase 140 mil pessoas, de acordo com este último censo. Alguns viram minguar sua população nas duas últimas décadas em proporções alarmantes. Assim, o município de Alfredo Marcondes perdeu 43,9% de seus moradores; Piquerobi, 46,2%; Estrela do Norte, 47,3%; Anhumas, 48,8%; Caiabu, 57,4% e Santo Expedito, 58,1%. De acordo com o Censo Demográfico de

1980, dezenove municípios da região perderam população nos últimos vinte anos. Este fenômeno, convém reconhecer, começou na década de 50, quando parte dos habitantes rurais iniciou sua fuga para outras áreas. De fato, a Alta Sorocabana perdeu, entre 1950 e 1970, cerca de 97 mil habitantes, correspondendo a 30,2% da população rural.

A migração das populações rurais para as áreas urbanas é um fenômeno nacional e presente em toda a América Latina. Os grandes centros nacionais, sobretudo aqueles que experimentaram significativo avanço na industrialização após a II Guerra, têm absorvido a maior parte dessa população. Em alguns casos torna-se preocupante, pelos graves problemas que acarreta, o elevado índice de concentração demográfica em algumas capitais. Assim, em 1970, na cidade de Lima concentrava-se 23% da população do Peru; em Santiago, 31,5% da população do Chile e, em Buenos Aires, o caso mais grave, residiam 35,7% dos argentinos.

Percentualmente, o caso brasileiro não é o mais sério, pois no polo nacional de concentração demográfica, a Grande São Paulo, morava apenas 8,4% da população do País, em 1970. Esse percentual, contudo, representava uma população absoluta de 8.060.575 pessoas.

Os números preliminares do Censo de 1980 indicam-nos que a população da Grande São Paulo aumentou para cerca de 13.288.000 pessoas, o que significa um acréscimo de cerca de 500 mil habitantes por ano, no decorrer da década de 70. Desta forma, nesta região metropolitana passa a concentrar-se 11,2% da população brasileira. Convém ainda recordar que, na referida área, em 1950, residiam apenas 4,5% da população do País.

O que deve ficar patente é que as regiões interiores do próprio Estado de São Paulo sofrem igualmente os efeitos dessa concentração humana na Grande São Paulo. Na última década perderam população as regiões administrativas de Bauru, São José do Rio Preto e de Presidente Prudente.

É preciso observar que essas áreas paulistas, por estarem ligadas, com boas rodovias e ferrovias à São Paulo, são igualmente susceptíveis a mudanças funcionais de ordem econômica. Na Alta Sorocabana, as mudanças do panorama agro-

-pecuário, que se verificaram em cerca de 50 anos, demonstram, a par de certa agilidade empresarial, também a decisiva influência do centro de decisão paulistano.

Analisando a evolução econômica regional observa-se claramente os seguintes períodos:

- fase do café, até meados da década de 30;
- fase do algodão e amendoim, até meados da década de 50;
- fase da pecuária de corte, a partir de meados da década de 50.

O café constituiu-se no próprio motivo da abertura da região. Derrubada a mata, em seguida plantou-se o café. O solo novo, rico em humus e fértil, suportaria os cafezais por não mais de dez anos. Assim, sua produtividade que atingiria na safra 1928/29, 1.402,5 Kg por mil pés, cairia para 624,0 Kg, em 1937/38.

É bem verdade que o cafeicultor, desde inícios da década de 30, não estava motivado a melhorar seus cafezais, tendo em vista o excesso de produção, os maus preços e a falta de mercado internacional provocados pela recessão norte-americana.

Ainda nesta década surgem as primeiras sementeiras de algodão em terrenos novos ou em substituição aos cafeeiros. As sementes, desde 1922, vinham sendo selecionadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas. Seus técnicos tentavam então convencer os proprietários de terras a plantá-las. A esses, contudo, era difícil e embaraçosa a substituição de uma cultura permanente pela temporária, acrescida ainda de técnicas agrícolas de plantio e colheita bem diferentes das exigidas pelo café.

A crise cafeeira do início dos anos 30 foi a oportunidade para o algodão implantar-se na região. Em 1936, apenas Presidente Prudente e Rancharia já eram responsáveis por 17,8% da produção algodoeira do Estado de São Paulo.

Os centros urbanos também se beneficiariam, pois 52 grandes armazéns e usinas de descaroçamento de algodão instalaram-se na região, a partir de 1937. Algumas extraíam óleo do caroço do algodão como a Anderson Clayton, Sanbra, Braswey, Woley-Dixon, Cook & Cia., todas estrangeiras.

O armazém do Instituto Brasileiro do Café, construído ao longo da ferrovia na Estação de Presidente Prudente, passou a ser usado para recolher o excedente das grandes safras de algodão.

A fim de manter as indústrias de extração de óleo em funcionamento pleno, incentivou-se o plantio de amendoim, o qual, cultivado duas vezes ao ano, forneceria a matéria prima para os períodos ociosos das máquinas.

Toda a região readaptou-se às culturas das duas plantas oleaginosas. O comércio urbano de roupas ou ferramentas, auferia seus melhores lucros ao fim das safras de algodão ou de amendoim, quando milhares de sítiantes vendiam suas produções. Nos períodos de colheita, a mão de obra era escassa e por isso bem paga; as escolas rurais perdiam seus alunos e as empregadas domésticas abandonavam seus empregos. Todos iam colher "maçãs" de algodão ou "tombar" e "bater" amendoim.

A partir de 1950, apareceriam no mercado os tecidos elaborados com fibras artificiais. Tal fato representaria um fortíssimo golpe na cotonicultura regional fazendo cair os preços das fibras no mercado mundial.

Na Alta Sorocabana outros fatores negativos se juntariam ao acima citado: perda gradual da fertilidade dos solos; preços mínimos pouco compensadores; elevação dos preços dos defensivos agrícolas; aumento do valor das terras e, por fim, a extensão da legislação trabalhista ao homem do campo, na década de 60, que tanto aterroriza o grande proprietário rural.

Conforme se observa pelos quadros seguintes, os lavradores da região não abandonaram totalmente as lavouras de algodão e amendoim. Contudo, o volume de sua produção mal atinge os 25,0% do que era produzido há 20 ou 30 anos atrás.

O esforço das autoridades do setor, nos últimos anos, incentivando um retorno às atividades agrícolas na região tem sido extraordinário. A última produção assinalada na tabela, correspondente à safra de algodão de 1979/80, é resultante desse esforço. De fato, a safra 1966/67 acusou apenas uma produção de cerca de 8,9 milhões de Kg, enquanto que a de 1975/76 mal ultrapassou os 6,0 milhões de Kg.

SUBREGIÃO AGRÍCOLA DE PRESIDENTE PRUDENTE (1)

Produção de Algodão

<u>Safra</u>	<u>Em Kg</u>
1951/52	120.000.000
1961/62	31.050.000
1979/80	18.109.350

Produção de Amendoim

<u>Safra</u>	<u>Em Kg</u>
1961/62	102.775.000
1969/70	82.700.000
1979/80	38.477.500

O mesmo se pode dizer com referência ao café que, de pois de praticamente extinto na região estudada (9.000 Kg na safra 1975/76), voltou a igualar-se aos índices de 1957, con forme os dados seguintes.

SUBREGIÃO AGRÍCOLA DE PRESIDENTE PRUDENTE

Produção de Café

<u>Safra</u>	<u>Em Kg</u>
1947/48	10.020.000
1957/58	4.110.000
1967/68	1.434.000
1979/80	4.420.000

(1) Para efeito do estudo, foi mantida a área da antiga Delegacia Agrícola de Presidente Prudente, composta pelos seguintes municípios: Álvares Machado, Alfredo Marcondes, Anhumas, Caiabu, Estrela do Norte, Indiana, Martinópolis, Narandiba, Pi rapozinho, Presidente Prudente, Regente Feijó, Sandovalina, Santo Expedito, Taciba e Tarabai.

Outro fato que merece ser citado como significativo na paisagem econômica regional, foi a do plantio da menta durante a II Guerra Mundial. O estado de guerra entre Estados Unidos e Japão, então o primeiro produtor e principal fornecedor, fez com que algumas áreas latino americanas se dedicassem àquele produto. Por alguns anos a Alta Sorocabana produziu óleo de mentol e mentol cristalizado suprimindo a indústria farmacêutica norte americana.

Centenas de pequenos proprietários ou de arrendatários, a maioria dos quais de origem nipônica, entregaram-se ao plantio de hortelã. Alguns fizeram fortunas em decorrência do bom preço que o produto alcançava no mercado exportador. As melhores safras ocorreram nos anos de 1943-1945 quando extraiu-se cerca de 1.800.000 Kg de óleo de mentol, dando a São Paulo a condição de primeiro produtor mundial.

Terminada a guerra, já em 1947/48, volta o Japão a produzir grandes quantidades de mentol, reiniciando as exportações. O produto japonês alcançava melhor aceitação no mercado por seu baixo preço, o que era possível graças a maior produtividade de óleo. (De 10% a 15% a mais). Entra em decadência a produção regional, acabando por extinguir-se nos anos 60. Uma das últimas safras, 1959/60, foi de apenas 36.200 Kg de óleo de mentol, ou seja, 2,0% do que produzia no início da década de 40. A indústria de alambiques localizada em Presidente Prudente, que possibilitava ao próprio lavrador extrair o óleo de hortelã, já não existe. A grande indústria de mentol cristalizado localizada em Álvares Machado igualmente cerrou as portas.

As desilusões causadas pela queda do valor dos produtos agrícolas, pelas safras frustradas e, sobretudo, pelo esgotamento do solo que fez cair a produtividade de 30% a 50%, motivaram a opção pela nova atividade: a engorda de gado de corte. Prosperaram as sementeiras de gramíneas forrageiras, a partir da década de 50. A área de pastagens da Alta Sorocabana, com cerca de 235.531 ha, em 1940, estender-se-ia para 1.401.198 ha, em 1980. Modernos frigoríficos instalaram-se na região, onde cerca de 1.600 rezes são abatidas por dia, cuja carne abastece parte do mercado paulistano e carioca.

As alterações no panorama econômico rural da Alta So

rocabana repercutiram na divisão da propriedade e na redistribuição da população. Aquela pela redução óbvia do número de pequenos estabelecimentos agrícolas, com menos de 100 ha, e esta, como consequência, pelo despovoamento das áreas rurais. Em Martinópolis, o número dessas propriedades caiu, no período 1950-1970, de 3.883 para 523; enquanto que a população rural reduzia-se, no citado período, de 20.938 para 13.588 pessoas.

Em toda a região houve um declínio de 25,2% do número de estabelecimentos rurais e de 30,2% da população rural entre 1950 e 1970.

Se considerarmos o índice de crescimento demográfico regional, a população da Alta Sorocabana deveria chegar aos 545.769 habitantes, em 1980. No entanto, os resultados preliminares do Censo de 1980, indica-nos uma população total, urbana e rural, de cerca de 466.211 habitantes, acusando pois, uma redução de 12.108 em relação a 1970 e de 79.558 habitantes em relação a que deveria atingir.

Por outro lado, não se deve supor que a atual opção pela pecuária de corte seja definitiva. A região sempre esteve pronta para responder ao apelo da época. Assim, a instalação de uma indústria ligada a produção de massa de tomate, no início dos anos 70, fez surgir inúmeras culturas tomateiras, antes sem nenhuma tradição nesse ramo agrícola. Em 1975, a produção de tomates já alcançava os 16.700.000 de Kg, elevando-se para 89.200.000 de Kg, em 1980, em toda a Alta Sorocabana.

Procurando adaptar-se às contingências nacionais e a procura de sua vocação, a região entra agora no período da cana, para produção de álcool combustível. Três usinas já estão aprovadas pelo Proálcool, todas autônomas: a Alcídia, com capacidade de 240.000 litros diários, situada no município de Teodoro Sampaio, já está implantada e em produção; a Laranja Doce, no município de Regente Feijó, e a Dalva, em Santo Anastácio, com 120.000 litros/dia, cada uma, estão em processo de implantação. Uma quarta usina, a ser localizada no município de Caiuã, está em fase de projeto. Ao fim da implantação das usinas 32.000 hectares estarão cobertos por canaviais. 78%

dessa superfície já está com canaviais em produção ou em crescimento. (2)

Este é pois, um exemplo de um micro-espaco que não teve como estruturar-se, definir-se, acomodar-se. É ainda insipiente, pois, a consciência regional. Não homogeneizou-se por que os agentes de influência e decisão, foram sempre externos e por demais dinâmicos. Jamais houve incapacidade de organização, porém sempre se buscou a vocação e a estabilidade econômica, sem no entanto, encontrá-las. (3)

(2) A 10^a Região Administrativa de Presidente Prudente engloba além da Alta Sorocabana, também a Alta Paulista, a partir dos municípios de Parapuã e Rinópolis, à leste, até Panorama, à oeste. Nesta área mais quatro usinas estão sendo implantadas: a Vale Verde, em Junqueirópolis; a Floráálcool, em Flórida Paulista; a Adáálcool, em Adamantina e Central de Álcool, em Lucélia. Cada uma deverá produzir 120 mil litros diários de álcool e a área cultivada de cana será de 20.122 hectares, dos quais 75% já estão plantados.

(3) Grande parte das informações estatísticas sobre as culturas da Alta Sorocabana assinaladas no presente trabalho, foram obtidas na Divisão Regional Agrícola da 10^a Região Administrativa de Presidente Prudente - Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.